

FICHA TÉCNICA

Título original: *American Gods*

Autor: *Neil Gaiman*

Copyright © 2001 by Neil Gaiman

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2009

Tradução: *Fátima Andrade*

Capa: *Ana Espadinha / Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Junho, 2009

Reimpressão, Lisboa, Junho, 2017

Depósito legal n.º 293 218/09

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ADVERTÊNCIA E AVISO AOS VIAJANTES

Isto é uma obra de ficção, não um guia. Embora a geografia dos Estados Unidos da América apresentada nesta fábula não seja inteiramente imaginária (contém pontos de referência que podem ser visitados, caminhos que podem ser percorridos, percursos que podem ser mapeados), tomei algumas liberdades. Menos do que se possa imaginar, mas nem por isso deixam de ser liberdades.

Não foi solicitada, nem concedida, permissão para a utilização de locais reais nesta história, quando tais locais aparecem: presumo que os proprietários de Rock City ou da Casa do Penhasco, bem como os caçadores a quem pertence o motel no centro da América, ficarão tão surpreendidos como qualquer outra pessoa ao depararem com as suas propriedades nesta história.

Alterei a localização de diversos lugares referidos nesta obra: a cidade de Lakeside, por exemplo, e a quinta com a sorveira a uma hora de caminho para sul de Blacksburg. Podem procurá-las, se assim o desejarem. Talvez até as encontrem.

Escusado será dizer que todas as personagens, vivas, mortas, ou nem uma coisa nem outra, que encontrará nesta história são ficcionais ou utilizadas num contexto de ficção. Só os deuses são reais.

Uma questão que sempre me intrigou é o que acontece aos seres demóniacos quando os imigrantes se deslocam dos seus países de origem. Os americanos de origem irlandesa recordam as fadas, os americanos de origem norueguesa, o nisser, os americanos de origem grega, o vrykólakas, mas apenas em relação com eventos rememorados na Terra Natal. Uma vez, quando perguntei por que razão tais demónios não são vistos na América, os meus informadores soltaram um riso confuso e responderam: «Têm medo de atravessar o oceano, é demasiado longe», sublinhando que Cristo e os apóstolos nunca foram à América.

Richard Dorson, «A Theory for American Folklore»
American Folklore and the Historian
(University of Chicago Press, 1971)

PRIMEIRA PARTE

Sombras

CAPÍTULO UM

Os limites do nosso país, cavalheiro? Bem, cavalheiro, a norte somos limitados pela Aurora Boreal, a leste somos limitados pelo sol nascente, a sul somos limitados pela procriação dos Equinócios e, a oeste, pelo Dia do Juízo.

The American Joe Miller's Jest Book

Sombra cumprira três anos de prisão. Era suficientemente corpulento e tinha um aspecto suficientemente agressivo para que o seu principal problema fosse a maneira como matar o tempo. Assim, ocupou-se a cuidar da sua forma física e a aprender sozinho como fazer truques de prestidigitação com moedas. E aproveitou para pensar muito em como amava a sua mulher.

A melhor coisa, aliás, na opinião de Sombra, talvez a única boa coisa que a prisão lhe trouxera, era uma sensação de alívio. A sensação de que caíra tão baixo quanto possível e batera no fundo. Não temia ser apanhado, porque já fora apanhado. Já não receava o que o amanhã lhe traria, porque o ontem já lho trouxera.

Não tinha importância, concluía ele, se se cometera ou não o crime pelo qual se fora condenado. A experiência dizia-lhe que toda a gente que conhecera na prisão se sentia lesada por qualquer razão: havia sempre algo que as autoridades tinham interpretado mal, alguma coisa de que haviam sido acusados e que não tinham feito, ou que não tinham feito exactamente da forma como as autoridades afirmavam. O que interessava era o facto de se ter sido apanhado.

Reparara nisso logo nos primeiros dias, quando tudo, desde a gíria prisional à péssima comida, era novidade para ele: apesar da infelicidade e do arrepiante horror do encarceramento, respirava de alívio.

Sombra tentava não falar muito. Algures a meio do segundo ano referiu a sua teoria ao seu companheiro de cela, Astuto Lyesmith.¹

O rosto de Astuto, que era um burlão do Minnesota, abriu-se num sorriso marcado por cicatrizes.

— Sim — comentou. — É verdade. E ainda é melhor quando se é condenado à morte. É nessa altura que nos lembramos das piadas acerca de tipos que se descalçaram à pressa, com a corda já à volta do pescoço, porque os amigos sempre lhes tinham dito que haviam de morrer com as botas nos pés.

— Isso é uma piada? — perguntou Sombra.

— Podes crer. Humor de força. Do melhor que há.

— Quando foi a última vez que enforcaram um homem neste estado? — inquiriu Sombra.

— Como raio havia eu de saber? — Lyesmith usava o cabelo ruivo-alourado quase rapado. Viam-se-lhe as linhas do crânio. — Mas sempre te digo uma coisa: este país começou a ir por água abaixo quando deixaram de enforcar as pessoas. Acabou-se a porcaria de força, acabaram-se os negócios de força.

Sombra encolheu os ombros. Não conseguia ver o mais pequeno romantismo numa condenação à morte.

Na ausência de uma condenação à morte, concluiu, a prisão era, na melhor das hipóteses, uma mera privação temporária da vida, e isso por duas razões: primeiro, porque a vida se insinua no interior das prisões; há sempre maneiras de se cair ainda mais baixo. A vida continua. E, em segundo lugar, porque um dia será necessário libertar o prisioneiro.

No princípio, o momento da sua saída era demasiado longínquo para que Sombra pensasse nisso. Depois, transformou-se num distante raio de esperança e ele aprendeu a dizer a si próprio que «tudo passa», quando estalavam as confusões que nunca deixam de estalar nas prisões. Um dia, a porta mágica abrir-se-ia e ele transpô-la-ia. E foi marcando os dias no seu calendário de Aves Canoras da América do Norte, o único tipo de calendário vendido na prisão, enquanto o Sol se punha sem que ele o visse, e nascia sem que ele o visse. Praticava truques de moedas, que aprendia num livro que encontrara na biblioteca da prisão, fazia exercício físico e compunha listas mentais daquilo que faria quando saísse em liberdade.

As suas listas foram ficando cada vez mais curtas. Até que, ao fim de dois anos, ficaram reduzidas a três pontos:

Primeiro, ia tomar um banho. Um banho a sério, prolongado, numa banheira cheia de espuma. Talvez lesse o jornal, talvez não. Uns dias pensava que sim, outros, que não.

¹ O apelido Lyesmith poderia ser traduzido por «Forjador de Mentiras». (NT)

Depois, enxugar-se-ia e vestiria um roupão. Talvez também calçasse uns chinelos. A ideia dos chinelos agradava-lhe. Se fumasse, essa seria a altura indicada para acender um cachimbo, mas não era fumador. Tomaria a mulher nos braços («Cachorrinho», guincharia ela, num simulado tom de horror, mas, na realidade, deliciada, «que estás tu a *fazer*?!»). Levá-la-ia para o quarto e fecharia a porta. Se tivessem fome, encomendariam pizzas.

Por fim, quando Laura e ele saíssem do quarto, ao fim talvez de dois dias, trataria de não dar nas vistas e nunca mais na vida se meteria em sarilhos.

— E serás feliz? — perguntou Astuto Lyesmith. Nesse dia estavam a trabalhar na loja da prisão, a montar comedouros para pássaros, tarefa pouco mais interessante do que gravar placas de matrícula.

— Nunca digas que um homem é feliz — retorquiu Sombra — antes de ele ter morrido.

— Heródoto — comentou Astuto. — Viva. Estás a aprender.

— Quem diabo é Heródoto? — inquiriu o Geleira, encaixando os lados de um comedouro para pássaros e passando-o a Sombra, que o aparafusou com firmeza.

— Um grego morto — respondeu Sombra.

— A minha última namorada era grega — disse o Geleira. — A merda que a família dela comia! Contado, ninguém acredita. Tipo arroz enrolado em folhas. Merdas dessas.

O Geleira tinha o tamanho e a forma de uma máquina de Coca-Cola, com olhos azuis e o cabelo tão louro que era quase branco. Dera uma tarefa monumental a um tipo que cometera o erro de lhe apalpar a namorada à sua frente, no bar onde ela dançava. Os amigos do outro tinham chamado a polícia, que prendera o Geleira e fizera uma breve investigação, a qual revelara que ele fugira a um programa de reinserção social através do trabalho, havia dezoito meses.

— Que havia eu de fazer? — resmungara o Geleira, num tom ofendido, quando contara a sua triste história a Sombra. — Disse-lhe que ela era minha namorada. Ia deixá-lo faltar-me ao respeito? Era isso? O homem não tirava as mãos de cima dela.

Sombra respondera:

— É isso mesmo — e deixara o assunto por aí. Uma das coisas que aprendera, bem cedo, era que cada um cumpre a sua própria pena de prisão. Ninguém pode cumprir a pena de outro.

Não dar nas vistas. Cumprir a própria pena.

Astuto Lyesmith emprestara a Sombra um maltratado exemplar de bolso das *Histórias* de Heródoto, havia vários meses.

— Não é chato. É giro — declarara, quando Sombra protestara que não tinha o hábito de ler. — Primeiro lê, depois dir-me-ás que é giro.

Sombra fizera uma careta, mas começara a ler e, quando dera por si, estava preso ao livro, mesmo contra vontade.

— Gregos — repetiu o Geleira com repugnância. — E aquilo que se diz deles também não é verdade. Tentei dar no traseiro da minha namorada e ela quase me arrancou os olhos.

Um dia, Lyesmith foi transferido, sem aviso. Deixou a Sombra o seu exemplar de Heródoto. Havia uma moedinha de cinco cêntimos escondida entre as páginas. As moedas eram contrabando, pois era possível afiar-lhes as bordas contra uma pedra e usá-las para rasgar a cara de alguém numa luta. Mas Sombra não estava interessado em fabricar uma arma; só queria qualquer coisa para entreter as mãos.

Não era supersticioso. Não acreditava em nada que não pudesse ver. Contudo, sentia uma premonição de catástrofe a pairar sobre a prisão, naquelas últimas semanas da sua pena, tal qual como sentira nos dias anteriores ao assalto. Havia um vazio no fundo do seu estômago. Disse a si próprio que era apenas medo de regressar ao mundo lá de fora. Mas não tinha a certeza. Estava mais paranóico do que habitualmente e, na prisão, a paranóia habitual é muita e constitui um importante instrumento de sobrevivência. Sombra tornou-se mais calado, mais sombrio do que nunca. Deu por si a estudar a linguagem corporal dos guardas e dos outros presos, em busca de uma indicação do acontecimento nocivo que ia dar-se, que ele tinha a certeza de que ia dar-se.

Um mês antes da data prevista para a sua libertação, Sombra deu por si sentado num gabinete gelado, em frente de um homem baixo com um sinal de nascimento cor de vinho do Porto na testa. Estavam voltados um para o outro, separados por uma secretária. O homem tinha o processo de Sombra aberto à sua frente e empunhava uma esferográfica, cuja extremidade estava toda roída.

— Tens frio, Sombra?

— Sim — respondeu Sombra. — Um bocadinho.

O homem encolheu os ombros.

— É o sistema — comentou. — Não é permitido acender as caldeiras antes do dia um de Dezembro. E é obrigatório apagá-las no dia um de Março. Não sou eu quem faz as regras. — Percorreu a folha de papel agrafada ao lado esquerdo da pasta com o dedo indicador. — Tens trinta e dois anos de idade?

— Sim, senhor.

— Parece mais novo.

— Levo uma vida saudável.

— Diz aqui que foste um recluso exemplar.

— Aprendi a lição, senhor.

— Aprendeste mesmo? — O homem fitou-o com um olhar penetrante. O sinal que tinha na testa baixou sobre as sobrancelhas. Sombra ponderou a possibilidade de lhe contar algumas das suas teorias acerca da prisão, mas não disse nada. Em vez disso, acenou afirmativamente e concentrou-se em compor uma expressão adequadamente arrependida.

— Diz aqui que és casado, Sombra.

— A minha mulher chama-se Laura.

— Como vão as coisas nessa área?

— Bastante bem. Ela veio visitar-me sempre que pôde; é uma viagem longa. Trocamos cartas e eu telefono-lhe quando posso.

— O que faz ela?

— É agente de viagens. Manda pessoas para os quatro cantos do mundo.

— Como é que a conheceste?

Sombra não conseguia perceber por que motivo o homem lhe fazia tal pergunta. Pensou em dizer-lhe que não tinha nada a ver com isso, mas acabou por responder:

— Era a melhor amiga da mulher do meu melhor amigo. Foram eles que nos apresentaram um ao outro. Entendemo-nos bem.

— E tens um emprego à tua espera?

— Sim, senhor. O meu amigo, Robbie, aquele de quem lhe falei agora mesmo, é dono da Muscle Farm, o sítio onde eu era monitor. Disse-me que o meu antigo emprego continua lá à minha espera.

O homem arqueou a sobrancelha:

— A sério?

— Diz que acha que eu lhe serei útil. Que farei com que alguns dos antigos clientes voltem e atrairei a malta durona, que quer endurecer ainda mais.

O homem pareceu satisfeito. Mordeu a extremidade da sua esferográfica, depois virou a folha de papel.

— O que sentes em relação ao teu crime?

Sombra encolheu os ombros.

— Fui estúpido — respondeu. Estava a ser sincero.

O homem com o sinal na testa suspirou. Pôs vistos numa série de pontos numa lista, depois folheou o processo de Sombra.

— Como irás daqui até tua casa? — inquiriu. — De camioneta?

— Avião. É bom ter uma mulher que trabalha como agente de viagens.

O homem franziu a testa. O sinal enrugou-se.

— Ela mandou-te um bilhete?

— Não foi preciso. Mandou-me só um número de confirmação. É um bilhete electrónico. Basta-me aparecer no aeroporto, daqui a um mês, mostrar a minha identificação e pronto, voo daqui para fora.

O homem anuiu, escreveu uma última nota, fechou o processo e pousou a esferográfica. As suas mãos pálidas repousavam sobre a secretária cinzenta, qual parêntese de animais cor-de-rosa. Aproximou-as uma da outra, ergueu os indicadores e fitou Sombra com os seus olhos lacrimosos, cor-de-avelã.

— Tens sorte — declarou. — Tens alguém para quem voltar, tens um emprego à tua espera. Podes deixar tudo isto para trás. Tens uma segunda oportunidade. Aproveita-a bem.

Não fez menção de apertar a mão de Sombra, quando se levantou para sair; Sombra também não esperava que ele o fizesse.

A última semana foi a pior de todas. De certo modo, foi pior do que os três anos de prisão todos juntos. Seria do tempo? Estava opressivo, frio e estagnado. Dava a sensação de que vinha aí uma tempestade, mas essa tempestade nunca chegou. Sombra andava com os nervos em franja, não conseguia livrar-se de uma sensação visceral de que algo estava a correr muito mal. No pátio, o vento soprava em rajadas. Sombra julgou detectar um cheiro a neve no ar.

Telefonou à mulher, a pagar no destino. Sabia que as companhias telefónicas cobravam uma taxa extra de três dólares sobre qualquer chamada feita de um telefone da prisão. Era por isso que as operadoras se mostravam sempre muito bem-educadas para com quem ligava de estabelecimentos prisionais, concluía Sombra: sabiam que eram eles quem lhes pagava o ordenado.

— Tenho uma sensação estranha — confidenciou ele a Laura. Não foi essa a primeira coisa que lhe disse. Primeiro, dissera «Amo-te», porque é uma boa coisa para se dizer, desde que se possa dizê-la com sinceridade. E Sombra podia.

— Olá — respondeu Laura. — Eu também te amo. O que há de estranho?

— Não sei — disse ele. — Talvez o tempo. Dá a impressão de que, se houvesse uma tempestade, tudo ficaria bem.

— Aqui está bonito — retorquiu ela. — Ainda não caíram as últimas folhas. Se não houver nenhuma tempestade, ainda poderás vê-las, quando chegares a casa.

— Cinco dias — disse Sombra.

— Cento e vinte horas, e depois vens para casa — disse ela.

— Está tudo bem por aí? Não há nada de errado?

— Está tudo ótimo. Vou ver o Robbie esta noite. Estamos a preparar uma festa-surpresa, para comemorar a tua chegada.

— Uma festa-surpresa?

— Claro. Não sabes nada sobre o assunto, pois não?

— Absolutamente nada.

— Lindo marido — replicou ela. Sombra deu por si a sorrir. Estava preso havia três anos, mas ela ainda conseguia fazê-lo sorrir.

— Amo-te, miúda — disse Sombra.

— Amo-te, cachorrinho — respondeu Laura.

Sombra desligou o telefone.

A seguir ao casamento, Laura dissera a Sombra que queria um cachorrinho. Mas o senhorio sublinhara que as cláusulas do seu contrato de arrendamento não permitiam animais de estimação.

— Olha — dissera Sombra —, eu serei o teu cachorrinho. Que queres que eu faça? Que roa os teus chinelos? Que faça chichi no chão da cozinha? Que te lamba o nariz? Que te fareje entre as pernas? Aposto que não há nada que um cachorro faça que eu não possa fazer! — Erguera-a nos braços, como se ela não pesasse nada, e começara a lambe-lhe o nariz, enquanto ela ria e guinchava. Depois levava-a para a cama.

No refeitório, Sam Fetishier aproximou-se discretamente de Sombra e sorriu, mostrando os seus dentes de velho. Sentou-se ao lado dele e começou a comer o seu macarrão com queijo.

— Temos de falar — anunciou.

Sam Fetishier era um dos homens mais negros que Sombra jamais vira. Talvez tivesse sessenta anos, talvez tivesse oitenta. Por outro lado, Sombra já vira viciados em *crack* que, aos trinta anos, pareciam mais velhos do que Sam Fetishier.

— Hum? — fez Sombra.

— Vem aí uma tempestade — disse Sam.

— Assim parece — concordou Sombra. — Talvez neve.

— Não me refiro a esse tipo de tempestade. É uma coisa muito maior. Digo-te, rapaz, estás melhor aqui dentro do que lá fora, na rua, quando a grande tempestade rebentar.

— Cumpri a minha pena — retorquiu Sombra. — Sexta-feira vou-me embora.

Sam Fetishier fitou-o:

— De onde és? — perguntou.

— Eagle Point, Indiana.

— És mas é um mentiroso do caraças — declarou Sam. — Quero dizer, onde nasceste? De onde são os teus pais?

— Chicago — respondeu Sombra. A mãe vivera em Chicago, quando era nova, e fora lá que morrera, havia anos sem fim.

— É como te digo. Vem aí uma grande tempestade. Trata de passar despercebido, puto. É como... como se chamam aquelas coisas onde os continentes flutuam? Uma espécie de placas?

— Placas tectónicas? — arriscou Sombra.

— Isso mesmo. Placas tectónicas. É como quando elas se põem a deslizar, quando a América do Norte choca com a América do Sul. Não convém ser apanhado no meio. Estás a topar?

— Nem nada que se pareça.

Um olho castanho fechou-se numa piscadela lenta.

— Bem, não digas que não te avisei — declarou Sam Fetishier, levando à boca uma colher com um pedaço tremebundo de gelatina de laranja.

— Não direi.

Sombra passou a noite meio desperto, dormitando e acordando, ouvindo os roncões e ressonadelas do seu novo companheiro de cela, no beliche por baixo do seu. Numa cela distante, um homem gemia, uivava e soluçava como um animal e, de tempos a tempos, alguém lhe berava que se calasse, com os diabos! Sombra fazia por não ouvir. Deixava que os minutos passassem por ele, vazios, lentos e solitários.

Faltavam dois dias. Quarenta e oito horas, que começaram com um pequeno-almoço de papas de aveia e café da prisão, e com um guarda chamado Wilson a bater no ombro de Sombra, com mais força do que seria necessário, e a dizer:

— Sombra? Vem cá.

Sombra fez um rápido exame de consciência. Esta nada acusava, mas, como ele já tivera oportunidade de constatar, na prisão uma consciência tranquila não significa que não se esteja metido em grandes sarilhos. Os dois homens seguiram mais ou menos lado a lado, os passos a ecoar nas superfícies de metal e betão.

Sombra sentiu um travo de medo no fundo da garganta, amargo como café velho. A coisa má estava a acontecer...

Uma vozinha ressoava-lhe na cabeça, sussurrando que iam pespegar mais um ano à sua pena, atirá-lo para a solitária, cortar-lhe as mãos, decapitá-lo... Disse para consigo que aquilo era uma estupidez, mas o seu coração batia com tanta força que parecia prestes a saltar-lhe do peito.

— Não te compreendo, Sombra — disse Wilson, enquanto caminhavam.

— Que é que não compreende, senhor?

— A ti. És demasiado calado. Demasiado bem-educado. Sabes esperar como os velhos, mas... que idade tens? Vinte e cinco? Vinte e oito?

— Trinta e dois, senhor.

— E que és tu? Latino? Cigano?

— Que eu saiba, não, senhor. Talvez.

— Talvez tenhas sangue de preto. Tens sangue de preto, Sombra?

— É possível, senhor. — Sombra endireitou-se e olhou em frente, concentrando-se em não se deixar irritar por aquele homem.

— Sim? Bem, o que eu sei, é que me provocas calafrios. — Wilson tinha o cabelo louro cor de areia, um rosto louro cor de areia e um sorriso louro cor de areia. — Estás quase a deixar-nos.

— Assim o espero, senhor.

Atravessaram dois postos de controlo, nos quais Wilson teve de apresentar a sua identificação. Subiram um lançaço de escadas e pararam diante do gabinete do director da prisão. A porta exibia o nome do director da prisão, G. Patterson, em letras negras. Ao lado da porta havia um semáforo em miniatura.

A luz de cima estava acesa. Era vermelha.

Wilson premiu um botão por baixo do semáforo.

Aguardaram uns minutos em silêncio. Sombra tentou dizer a si mesmo que tudo estava bem, que na sexta-feira estaria no avião, a caminho de Eagle Point, mas não conseguia acreditar em nada disso.

A luz vermelha apagou-se, a verde acendeu-se e Wilson abriu a porta. Entraram.

Sombra vira o director meia dúzia de vezes, nos últimos três anos. Uma vez em que ele estava a mostrar a prisão a um político. Outra, durante uma paralisação de protesto, em que o director falara com os reclusos aos cem de cada vez, para lhes dizer que a prisão estava superlotada e, visto que continuaria superlotada, o melhor que tinham a fazer era habituarem-se a esse facto.

Visto de perto, Patterson tinha pior aspecto. O seu rosto era oblongo, o cabelo grisalho eriçava-se num corte militar. Cheirava a *Old Spice*. Atrás dele via-se uma estante, na qual todos os livros, sem excepção, apresentavam a palavra *Prisão* no título. A sua secretária estava imaculadamente limpa, apenas com um telefone e um calendário *Far Side*, com folhas de arrancar. Usava um aparelho para surdos no ouvido direito.

— Senta-te, por favor.

Sombra sentou-se. Wilson postou-se atrás dele.

O director abriu uma gaveta da secretária, tirou uma pasta e pôs-a no tampo da secretária.

— Diz aqui que foste condenado a seis anos por agressão e assalto agravado. Cumpriste três anos. Estava previsto saíres em liberdade na sexta-feira.

Estava? Sombra sentiu o estômago às voltas. Quanto tempo mais teria de cumprir? Mais um ano? Dois? Todos três? Mas limitou-se a dizer:

— Sim, senhor.

O director lambeu os lábios:

— Que disseste?

— Disse, «Sim, senhor».

— Sombra, vamos libertar-te esta tarde. Sairás dois dias mais cedo.
— Sombra fez um sinal afirmativo e ficou à espera do resto. O director olhou para o papel que tinha na secretária. — Isto veio do Hospital Johnson Memorial, de Eagle Point... Foi a tua mulher. Morreu esta madrugada. Num acidente de automóvel. Lamento muito.

Sombra fez novo sinal afirmativo.

Wilson acompanhou-o de regresso à sua cela, em silêncio. Destrancou a porta e desviou-se para lhe dar passagem. Depois, disse:

— Parece uma daquelas piadas sobre boas notícias e más notícias, não é? Boas notícias, vamos soltar-te mais cedo; más notícias, a tua mulher morreu. — Riu, como se achasse verdadeiramente graça.

Sombra não disse absolutamente nada.

Emalou as suas coisas, num estado de torpor. Deu a maior parte delas. Deixou ficar o Heródoto do Astuto e o livro com os truques de moedas; sentiu um baque momentâneo ao abandonar os discos de metal que trouxera da oficina, às escondidas, para fazerem as vezes de moedas. Haveria moedas verdadeiras, lá fora. Barbeou-se. Vestiu roupas civis. Transpôs porta após porta, sabendo que nunca mais voltaria a atravessá-las, sentindo-se vazio por dentro.

Do céu plúmbeo caía uma chuva gelada, em bâtegas. Pequenas bolas de gelo fustigavam-lhe o rosto, enquanto a chuva lhe ensopava o sobretudo fino, enquanto o pequeno grupo de ex-reclusos se dirigia para o veículo amarelo, um antigo autocarro escolar, que os levaria até à cidade mais próxima.

Quando chegaram ao autocarro, estavam encharcados. Os presos libertados eram oito. Mil e quinhentos continuavam atrás das grades. Sombra sentou-se no autocarro, a tremer de frio até o aquecimento começar a funcionar. Não sabia o que faria, para onde iria.

Imagens fantasmagóricas invadiam-lhe os pensamentos, sem serem convidadas. Na sua imaginação, estava a sair de outra prisão, havia muito tempo.

Estivera preso numa sala sem luz durante demasiado tempo; tinha a barba hirsuta e o cabelo todo emaranhado. Os guardas tinham-no levado por uma escada de pedra cinzenta e feito sair para uma praça cheia de cores vivas, de pessoas e de objectos. Era dia de mercado. O barulho e as cores atordoaram-no. Semicerrou os olhos para se proteger da luz do Sol que inundava a praça, aspirou o ar salgado e húmido e os aromas agradáveis dos produtos à venda no mercado. À sua esquerda, o sol cintilava na água.

O autocarro deteve-se num sinal vermelho, com um estremeção.

O vento uivava em redor do veículo e os limpa-pára-brisas oscilavam num vaivém incessante sobre o vidro, transformando a cidade num borrão

húmido de luzes de néon vermelhas e amarelas. A tarde ainda ia no princípio, mas lá fora parecia ser noite.

— Merda! — exclamou o homem que ocupava o lugar atrás de Sombra, limpando o vidro com a mão e observando um vulto molhado, que seguia apressadamente pelo passeio. — Há gajas lá fora.

Sombra engoliu em seco. Ocorreu-lhe que ainda não chorara; na verdade, não sentira absolutamente nada. Nem lágrimas, nem dor. Nada.

Deu por si a recordar um tipo chamado Johnnie Larch, com quem compartilhara uma cela nos seus primeiros tempos de prisão, e que lhe contara o que lhe acontecera certa vez, quando, ao fim de cinco anos atrás das grades, fora libertado com cem dólares no bolso e um bilhete de avião para Seattle, onde a irmã vivia.

Johnnie Larch chegara ao aeroporto e entregara o bilhete à mulher sentada atrás do balcão. Esta pedira-lhe que lhe mostrasse a sua carta de condução.

Ele assim fizera, mas a carta expirara havia dois anos. A mulher dissera-lhe que não constituía um documento de identificação válido. Ele respondera que talvez não fosse válida como carta de condução, mas era seguramente um óptimo documento de identificação e, com a breca, quem diabo pensava ela que ele era, senão ele mesmo?

A mulher dissera que agradecia muito se ele baixasse a voz.

Ele replicara que era bom que ela lhe desse o raio do cartão de embarque, caso contrário iria arrepende-se, e que não estava disposto a tolerar faltas de respeito. Não se admitem faltas de respeito na prisão.

Então ela premira um botão e, instantes mais tarde, chegaram os seguranças, que tentaram persuadir Johnnie Larch a sair do aeroporto sem levantar problemas, mas ele não queria sair, pelo que se dera uma pequena altercação.

O resultado de tudo aquilo fora que Johnnie Larch nunca chegara a ir para Seattle. Passara os dois dias seguintes metido nos bares da cidade e, quando os cem dólares se tinham esgotado, assaltara uma estação de serviço com uma pistola de brinquedo, para arranjar dinheiro para continuar a beber. A polícia acabara por apanhá-lo, por urinar na via pública. Não tardara a regressar à prisão, onde cumprira o resto da pena original, acrescida de mais algum tempo pelo assalto à estação de serviço.

A moral daquela história, segundo Johnnie Larch, era a seguinte: nunca se deve irritar as pessoas que trabalham em aeroportos.

— Tens a certeza de que não será mais algo como: «O tipo de comportamento que resulta num ambiente especializado, como uma prisão, talvez não resulte e possa mesmo revelar-se prejudicial quando utilizado fora desse ambiente»? — sugerira Sombra, quando Johnnie Larch lhe contara a história.

— Não. Ouve o que eu te digo, estou a dizer-te como é, meu — insistira Johnnie. — Não irrites as cabras dos aeroportos.

A recordação fez esboçar um sorriso nos lábios de Sombra. A sua carta de condução só expiraria daí a vários meses.

— Terminal de camionetas! Saiam todos!

O edifício fedia a urina e cerveja rançosa. Sombra meteu-se num táxi e pediu ao condutor que o levasse ao aeroporto. Prometeu-lhe uma gorjeta de cinco dólares se fizessem a viagem em silêncio. Chegaram ao seu destino em vinte minutos, sem que o motorista dissesse uma única palavra.

Sombra penetrou no terminal fortemente iluminado. O bilhete electrónico preocupava-o. Sabia que tinha bilhete para um voo na sexta-feira, mas não sabia se poderia utilizá-lo mais cedo. Tudo o que fosse electrónico tinha uma certa aura de magia aos olhos de Sombra, que receava que tais objectos se evaporassem a qualquer momento.

Mas tinha a sua carteira, que voltara à sua posse pela primeira vez em três anos, e que continha diversos cartões de crédito expirados e um cartão Visa que, para sua agradável surpresa, ainda era válido até ao fim de Janeiro. Tinha o número da sua reserva. E compreendeu subitamente que tinha a certeza de que, quando chegasse a casa, tudo estaria bem. Laura estaria de excelente saúde. Talvez se tivesse tratado apenas de um esquema qualquer, destinado a tirá-lo da prisão uns dias mais cedo. Ou talvez tivesse sido um simples engano e o corpo arrancado aos destroços, na estrada, pertencesse a outra Laura Moon.

Através das paredes envidraçadas, Sombra viu um relâmpago rasgar o céu lá fora. Compreendeu que estava a reter a respiração, à espera de alguma coisa. De um trovão distante. Exalou.

Uma mulher branca, de aspecto cansado, fitava-o do outro lado do balcão.

— Olá — cumprimentou Sombra. *És a primeira mulher desconhecida com quem falo, cara a cara, em três anos.* — Tenho um número de bilhete electrónico. Estava previsto partir na sexta-feira, mas tenho de ir hoje. Houve uma morte na família.

— Hum. Os meus sentimentos. — A mulher premiu algumas teclas, olhou para o ecrã, premiu mais algumas teclas. — Não há problema. Pode ir no voo das três e trinta. É possível que haja algum atraso, devido à trovoadas, portanto vá olhando para os monitores. Tem bagagem?

Ele exibiu o saco que trazia a tiracolo.

— Isto não tem de ir no porão, pois não?

— Não — replicou ela. — Pode levá-lo como bagagem de mão. Tem algum documento de identificação com fotografia?

Sombra mostrou-lhe a carta de condução.

O aeroporto não era grande, mas o número de pessoas que vagueavam por ali surpreendeu-o. Vagueavam, simplesmente. Viu-as pousarem sacos de viagem no chão, des preocupadamente, enfiarem carteiras nos bolsos de trás das calças, deixarem malas de mão debaixo de cadeiras, sem qualquer vigilância. Foi nesse momento que compreendeu que já não estava na prisão.

Faltavam vinte minutos para o embarque. Comprou uma fatia de piza e queimou os lábios no queijo quente. Pegou no troco e dirigiu-se às cabinas telefónicas. Ligou para Robbie, para a Muscle Farm, mas foi parar ao atendedor de chamadas.

— Olá, Robbie. Disseram-me que a Laura morreu. Deixaram-me sair mais cedo. Estou a caminho de casa.

Depois, como era bem verdade que as pessoas se enganavam, já vira isso acontecer, ligou para casa e ouviu a voz de Laura.

— Olá — dizia ela. — Não estou em casa, ou não posso atender. Deixe uma mensagem e telefonar-lhe-ei logo que possa. E desejo-lhe um *bom* dia.

Sombra não teve forças para deixar uma mensagem.

Sentou-se numa cadeira de plástico, ao lado da porta, apertando o saco com tanta força que magoou a mão.

Estava a recordar a primeira vez que vira Laura. Nem sequer sabia ainda o nome dela. Era amiga de Audrey Burton. Ele estava sentado com Robbie, num reservado do Chi-Chi's, quando ela entrara, um ou dois passos atrás de Audrey, e Sombra dera por si a olhá-la fixamente. Tinha o cabelo comprido, cor de castanha, e os olhos tão azuis que Sombra julgara, erradamente, que ela estava a usar lentes de contacto cosméticas. Laura pedira um daiquiri de morango, insistira para que ele o provasse e rira com prazer quando ele o fizera.

Laura adorava que os outros provassem o que ela provava.

Nessa noite, Sombra dera-lhe um beijo de boas-noites. A boca dela sabia a daiquiri de morango e ele nunca mais quisera beijar outra pessoa.

Uma mulher anunciou que começara o embarque para o voo de Sombra, e a fila dele foi a primeira a ser chamada. O seu lugar era mesmo na parte de trás do avião e o banco ao seu lado estava vazio. A chuva tamborilava continuamente na fuselagem; Sombra imaginou que eram crianças que atiravam punhados de ervilhas secas do céu.

Adormeceu quando o aparelho descolou.

Estava num lugar escuro e a coisa que o fitava tinha uma cabeça de búfalo, maciça e peluda, com os olhos húmidos, sobre um corpo de homem, lustroso de óleo.

— Vêm aí grandes mudanças — anunciou o búfalo, sem mexer os lábios. — Há decisões que terão de ser tomadas.